

PARA LISLE OU SÃO PAULO: O ASPECTO RACIAL EM *STRANGERS E HUNTER'S RUN*

Arthur Maia Baby Gomes¹²

RESUMO: Este trabalho visa estabelecer uma análise comparativa dos romances de ficção científica *Strangers* (1980) de Gardner Dozois e *Hunter's Run*, de Daniel Abraham, Gardner Dozois e George R. R. Martin (2007), no que tange o aspecto racial da colonização espacial empreendida pelos habitantes do planeta Terra. A partir de estudos sobre raça na *New Wave of Science Fiction*, busca-se contextualizar as características desses dois romances, bem como apontar suas particularidades.

Palavras-chave: Gardner Dozois; George R. R. Martin; Daniel Abraham; Raça; New Wave of Science Fiction.

ABSTRACT: This paper aims to establish a comparative analysis between the novels *Strangers* (1980) by Gardner Dozois and *Hunter's Run* (2007) by Daniel Abraham, Gardner Dozois and, George R. R. Martin, focused on the racial aspect of the interplanetary colonization led by the inhabitants of Earth. Based on racial studies in the *New Wave of Science Fiction*, it intends to contextualize the characteristics of these novels, as well as point its peculiarities.

Keywords: Gardner Dozois; George R. R. Martin; Daniel Abraham; Race; New Wave of Science Fiction.

Introdução

Falecido em Maio de 2018, Gardner Dozois foi um dos mais notáveis editores de ficção científica e fantasia. Foi por anos editor da revista *Isaac Asimov Science Fiction*, e durante as últimas décadas, organizou antologias que contavam com autores como George R. R. Martin, Scott Lynch, Robin Hobb, Neil Gaiman, Patrick Rothfuss, Brandon Sanderson, entre outros dos mais relevantes do gênero. Mas além da atividade de editor, que o consagrou, Dozois também escreveu ficção.

Autor de uma grande quantidade de contos e novelas, Gardner escreveu apenas três romances, sendo que apenas um deles não foi fruto de uma colaboração. *Strangers* foi uma novela originalmente publicada em 1974, mas que foi expandida e se tornou o único romance solo do autor. Já *Hunter's Run*, começou a ser escrito por Dozois em algum momento da

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPQ.

² Orientação da Dra. Sandra Sirangelo Maggio.

década de 70. Em 1977, George R. R. Martin leu o esboço e se interessou, mas Gardner havia decidido abandonar a história, e a cedeu para o amigo. Após muitas idas e vindas, e com a inclusão de um terceiro autor, Daniel Abraham, o livro foi publicado como uma novela em 2005, sobre o título de *Shadow Twin*, e dois anos mais tarde se tornou o romance que iremos discutir (ABRAHAM, Daniel. DOZOIS, Gardner. MARTIN, George R. R., 2008.)

Ambos os livros são ambientados no mesmo universo, em um futuro onde a humanidade foi descoberta pela raça alienígena enye, e então, inserida no comércio interplanetário, mas sempre como subalterna. *Strangers* se passa poucas décadas após esta descoberta, e narra a história de Joseph Farber, um terráqueo alemão que foi enviado ao planeta de Lisle, habitado pela raça alienígena dos cian. A colônia terráquea em Lisle não passa de um pequeno entreposto, uma vez que os humanos estão apenas começando a se relacionar com raças poderosas e influentes. Farber se apaixona por Liraun, uma nativa de Lisle, e o foco do enredo está nas barreiras que ambos devem quebrar para que possam se casar e viverem juntos.

Hunter's Run, por sua vez, se passa séculos após o contato dos enye com a Terra. Neste livro, os humanos estão sendo usados como cobaias para colonizar planetas desabitados e estabelecer lá uma sociedade do zero. É onde conhecemos o mexicano Ramón, que foi para a colônia de São Paulo. Após uma série de problemas com a polícia, Ramón foge para as florestas ainda inexploradas, e acaba sendo capturado por uma raça alienígena até então desconhecida. Neste processo, é exposto a uma série de choques culturais com seus captores.

As histórias de Joseph e Ramón, por mais diferentes que sejam, têm aspectos em comum. O principal deles é o foco nas diferenças culturais entre humanos e alienígenas, tema que é central em ambas. Este é um dos temas mais recorrentes da geração de Dozois e Martin, autores ligados à *New Wave of Science Fiction*, um movimento marcante para a ficção científica nas décadas de 1960 e 1970.

Um dos tópicos que também vem à tona no mesmo período dentro do gênero são as diferenças raciais entre personagens terráqueos, algo que tem se tornado foco de uma grande variedade de pesquisas nos últimos anos. Portanto, considerando as diferenças, não apenas entre os personagens de Ramón e Farber, mas também entre as diferentes sociedades nas quais ambos estão inseridos, este artigo visa compreender qual o uso que os dois livros fazem do aspecto racial e como isso se coloca no contexto maior da literatura de ficção científica.

1. A *New wave of science fiction*

A década de 1960 foi bastante agitada politicamente nos Estados Unidos da América. Na chamada “década revolucionária”, o presidente John F. Kennedy foi assassinado em 1963, a guerra do Vietnã explodiu, os movimentos hippies e contraculturais tiveram magnitude gigantesca e as lutas por direitos civis se tornaram centrais no país. O impacto destas

mudanças políticas e sociais indiscutivelmente dialoga com a produção artística do momento, e a produção de literatura de ficção científica não foi exceção.

O *mainstream* do gênero era anteriormente marcado pela chamada “Era de Ouro”, fenômeno dos anos 40 e 50, representada por autores como John Campbell, Arthur C. Clarke e Isaac Asimov. De acordo com Adam Roberts (2006, p. 195), as principais características destes trabalhos eram o foco no aspecto científico, as aventuras de exploração do universo e histórias bastante lineares com foco em heróis. No entanto, após ser predominante por mais de vinte anos, a fórmula sofreu certo esgotamento, como aponta Damien Broderick no *Cambridge Companion to Science Fiction* (2013, p.49-50).

Esta renovação do gênero, que toma forma durante os anos 50, mas acaba por se consolidar na segunda metade dos anos 60, é marcada por dois principais aspectos: os temas, que são fortemente influenciados pela turbulenta atmosfera política, e as inovações estéticas, que se referem a aspectos mais internos da literatura enquanto arte.

O primeiro diz respeito, principalmente, à substituição das já referidas narrativas lineares com foco no teor científico e exploratório do enredo por tramas que desenvolvam questões políticas, filosóficas e morais, se utilizando das convenções da ficção científica como metáforas para problemas socialmente vivos de maneira bastante explícita. O segundo aspecto é ligado à absorção de técnicas estéticas da literatura modernista e pós-modernista, o que daria a este movimento um caráter de consciente de si mesmo enquanto arte para além do entretenimento até então visto como simples.

Broderick aponta o caráter eminentemente político da maioria dos autores de destaque no período, assinalando, principalmente, uma série de autoras feministas trazendo debates de gênero para o campo da ficção científica, bem como autores gays, ambientalistas e negros trazendo suas respectivas causas em livro que se tornaram sucesso comercial e de crítica (2013, p. 59-60). A crítica, não apenas comercial, mas também acadêmica passou a se debruçar sobre a ficção científica enquanto um gênero literário com seu próprio valor e características, originando um campo acadêmico especializado (BRODERICK, 2013, p. 61-62).

Alguns dos autores mais representativos deste contexto são Frank Herbert, autor de *Duna* (2017), Robert A. Heinlein, autor de *Um Estranho numa Terra Estranha* (2017), Ursula K. Le Guin, autora de *A Mão Esquerda da Escuridão* (2014), Phillip K. Dick, autor de *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas* (2014) e Octavia E. Butler, autora de *Kindred: Laços de Sangue* (2017). Entre autores mais jovens que estavam ganhando espaço durante o processo de consolidação do gênero, estavam Gardner Dozois e George R. R. Martin.

Ambos tiveram suas formações enquanto escritores bastante relacionadas aos movimentos pacifistas, a exemplo das histórias “O Herói” (MARTIN, 2006) e “Morning Child” (DOZOIS, 2011), ambas publicadas durante os anos 70 e 80. E é exatamente nesse contexto que *Strangers* é publicado e *Hunter’s Run* começa a ser escrito. Nas duas obras, questões sociais, de pertencimento, e mesmo políticas são latentes, e ambas dialogam com

aspectos raciais, o que motivou este trabalho. Mas para podermos melhor compreender o uso desses tópicos, é necessário uma breve revisão do que se tem estudado a respeito do aspecto racial na ficção científica.

2. Raça na ficção científica

Uma das mudanças substanciais introduzidas pela *New Wave* da ficção científica é uma ficção que está ativamente preocupada com questões raciais. A tradição deste gênero literário nos Estados Unidos até então era quase completamente branca, tanto a respeito dos autores quanto dos personagens, que muitas vezes nem sequer tinham sua etnia mencionada, sendo esta apenas assumida como caucasiana, como aponta Elizabeth Anne Leonard (2003, p. 254). Para a autora, até os dias de hoje esta tendência permanece, porém, especialmente a partir dos anos 70, uma série de autores e autoras negros ganharam relativo destaque possibilitando que hoje esta discussão seja amplamente presente.

Cabe aqui mencionar um contra-argumento a esse respeito: para Lisa Yaszek, muito embora os autores e autoras negras de fato tenham recebido espaço dentro do *mainstream*, a autora aponta como o movimento conhecido como afrofuturismo remete a uma história de mais de cento e cinquenta anos. A autora demonstra que autores de ficção africanos e afro descendentes escreveram histórias que conjugam o futuro com a memória e cultura africana desde meados do século XIX e que estavam presentes mesmo na Era de Ouro da ficção científica. A grande inovação relacionada à *New Wave* seria, portanto, a inclusão destes autores no cânone do gênero (2015, p. 1-9).

Para Yolanda Hood e Robin Anne Reid (2009, p. 195), muito embora seja recorrente para os autores de ficção científica simplesmente ignorar qualquer raça que não seja a branca, a presença de outros seres acaba por configurar relações raciais entre um sujeito (normalmente o sujeito branco) e o seu “outro”, seja este outro um extraterrestre ou um monstro qualquer que seja sua origem. Isso expande os horizontes da análise racial na ficção científica, especialmente porque direciona o olhar para toda uma nova gama de interações: aquelas entre seres humanos e alienígenas.

Este argumento também nos faz perceber que é possível trabalhar com questões raciais sem nunca explicitá-las, como é o caso do conto de George R. R. Martin, “*And Seven Times Never Kill Man*” (2006), no qual os humanos assumem o papel de colonizadores e a raça dos ewoks representam indígenas. É bastante recorrente este tipo de recurso, como identifica Leonard (2003, p. 255) ao estudar o livro *A Miracle of Rare Design* (2013) de Mike Resnick. Neste sentido, a escolha das obras de Gardner Dozois para este trabalho torna-se ainda mais relevante, pois nem *Strangers*, nem *Hunter’s Run* ignoram a diversidade racial dos humanos ou acaba por transformá-las apenas em metáforas.

Ao analisar o livro de Resnick, Leonard também reforça o argumento de Hood e Reid (2003, p. 255) e acaba por demonstrar, como, apesar de haver uma pretensa diversidade, este

romance nunca se propõe a mostrar o choque cultural por outro ponto de vista, sem ser o do terráqueo branco, comportamento que também é identificado como frequente dentro do gênero, e que, novamente, é desafiado por *Hunter's Run*.

Desde que autores como Octavia E. Butler, Samuel Delany e Nalo Hopkinson introduziram com mais veemência os debates raciais, protagonistas negros e ganharam notoriedade pelo destaque da cultura negra em seus trabalhos, as portas estão cada vez mais abertas para a expansão desta diversidade na literatura de ficção científica *mainstream*. A autora N. K. Jemisin, que também possui recorrência de temáticas raciais em seus trabalhos, foi a primeira a receber o prêmio Hugo de melhor romance em três anos seguidos pela sua trilogia *The Broken Earth*. Autoras como Nnedi Okorafor tem ganhado notoriedade, não apenas por seus romances ambientados em cenários afrofuturistas³ mas também por seus trabalhos com os quadrinhos do personagem Black Panther, outro personagem notório por relacionar sua identidade africana com ficção científica.

No entanto, o que Lisa Yaszek identifica em seu artigo “Race in Science Fiction: The Case of the Afrofuturism” é que, embora a partir dos anos 60, os autores negros estejam adentrando lugares de destaque no gênero, o uso explícito dos debates raciais, ou seja, a desnaturalização do ser humano como o sujeito branco e europeu, continua sendo praticamente exclusividade dos autores não brancos (2012, p. 10-11). A intenção deste trabalho, portanto, é investigar a partir da exceção. Discutir como se dá a desnaturalização do sujeito branco como representante da humanidade a partir da comparação de dois livros que foram escritos por autores brancos.

3. O ambiente prévio: Qual tipo de colônia para qual planeta?

A análise do aspecto racial neste trabalho será feita em dois momentos: primeiro, discutindo os processos de colonização e suas respectivas causas, e o segundo, analisando as diferentes sociedades resultantes destes processos, priorizando o papel das etnias dos humanos colonos em ambos os casos.

Strangers e *Hunter's Run* compartilham de um universo comum, no qual os terráqueos estão em posição subalterna aos enye, uma raça alienígena bastante avançada tecnologicamente. No primeiro livro, o planeta de Lisle recebe um pequeno entreposto humano em sua maior cidade, Aei. Dada a oficialidade, os terráqueos enviaram, majoritariamente, europeus e norte americanos. No entanto, a ciência dos cian é muito superior, e os humanos possuem um lugar periférico (DOZOIS, 1980, p. 30).

Este pequeno entreposto, o Enclave, assume o tamanho e um bairro, e seu espaço possui fortes marcas identitárias dos terráqueos que o habitam, a começar pela arquitetura ocidental, passando pelos nomes das ruas receberem nomes de cidades terráqueas como Nova

³ De acordo com Lisa Yaszek, histórias escritas por africanos ou afrodescentes que busque recuperar histórias de um passado africano, mas também, criar perspectivas de futuro centradas na racialidade (2012, p. 2).

York, Chicago e Berlim. À exceção de Tóquio, nenhuma outra cidade mencionada fica fora da Europa ou da América do Norte (DOZOIS, 1980, p. 35). É mencionado também que os colonos não têm costume de sequer sair de seu bairro exceto quando necessário. Na percepção de Joseph, ele poderia estar na Terra estando no Enclave:

A grande muralha que cercava o Enclave também era reconfortante, se apagando no alto, assim como a todos os sinais da cidade alienígena do outro lado. Farber podia até fingir que ainda estava na Terra enquanto caminhava no asfalto escuro da Rua Washington, em direção aos blocos de alfabeto futuristas que eram os escritórios centrais da Cooperativa; Nova York, Frankfurt, Chicago, Tokyo – dezenas de cidades da Terra tinham exatamente essa aparência. (DOZOIS, 1980, p. 35-36, tradução minha⁴).

Já no processo de colonização, portanto, é possível observar um forte protecionismo da identidade terráquea, o que pode ter sido acentuado pelo choque dos humanos brancos entre seres considerados hierarquicamente superiores na Terra, e subitamente terem seu espaço restrito em um planeta que lhes é estranho. A situação é diferente em São Paulo, onde, além de o planeta ser colonizado por latinos (ABRAHAM, DOZOIS, MARTIN, 2007, p. 16), também não havia uma população e organização social prévia.

Em Hunter's Run, o planeta de São Paulo é colonizado primeiro por brasileiros, que se tornam a elite política do planeta, e, logo mais, por latinos de outras nacionalidades, como é o caso do protagonista, o mexicano Ramón Espejo. Nesse caso, são os enye que mantêm o poder oficial sobre o planeta, mas criaram um sistema colonial semelhante à América espanhola: alguns locais tornam-se governantes e administram em nome de seus superiores. Além disso, o objetivo principal desta colonização é explorar o planeta, e isso inclui suas florestas. Portanto, os enviados da Terra para este local, são vistos, prioritariamente, como mão de obra para os enye, e é bastante significativo que eles sejam populações não-brancas.

Percebemos aqui que, apesar de em ambas as colônias os seres humanos estarem em posições subalternas, existem algumas diferenças cruciais: o processo de colonização de Lisle é diplomático, enquanto o de São Paulo é para fins de trabalho braçal. Em Lisle, tentam-se manter a cultura terráquea, em São Paulo, as hierarquias terráqueas ganham novos significados, com os colonos brasileiros se tornando hierarquicamente superiores ao restante. Em Lisle, os humanos estão sob constante vigilância, em São Paulo, livres e desprotegidos do ambiente que os cerca.

4. As novas sociedades: os efeitos das diferentes colonizações

⁴ Original: The high wall that encircled the Enclave was also reassuring, blotting out as it did all sign of the alien city beyond. Farber could almost pretend he was still on Earth as he walked up the black asphalt of Washington Street toward the futuristic alphabet blocks that were the main Co-op offices; New York, Frankfurt, Chicago, Tokyo— dozens of cities on Earth looked just like this.

É claro que colonizações tão diferentes, vão gerar sociedades diferentes, não apenas em sua organização social, mas também na interação e visão de mundo daqueles que a elas pertencem. Durante esta sessão, iremos nos deter em quais sintomas destas diferentes colonizações podem ser percebidos em ambas as obras e o que isso nos revela sobre o uso do componente racial.

Começando por Lisle, em termos mais gerais, esta sociedade é marcada por uma profunda noção de pertencimento dos humanos, que também é manifestada em um profundo racismo em relação aos cian, os habitantes nativos. Estes são tratados como inferiores pelos humanos, mesmo que, objetivamente, sejam hierarquicamente superiores na estrutura social local.

É possível observar isso em uma série de momentos no livro, a começar pelo hábito dos terráqueos de se referir aos cian como niggers⁵ (DOZOIS, 1980, p. 75), termo pejorativo do inglês para se referir a pessoas negras. O narrador acrescenta inclusive que até os poucos humanos negros presentes na colônia estavam se referindo aos cian desta maneira. O interessante deste fato é que ele inverte a relação social em que o termo é utilizado: se na realidade, o vocábulo é uma forma de opressão através da linguagem, em Lisle se torna uma espécie de reação à subalternidade.

Desta mesma maneira agem também os personagens coadjuvantes humanos, como, por exemplo, Kathy, Brody e Ferri. Kathy, a namorada de Joseph no início da história, fica horrorizada ao saber que seu parceiro estava iniciando um relacionamento com uma cian, que vê como inferior. Brody, amigo do protagonista, se refere aos nativos de maneira tão violenta, incluindo o uso da palavra niggers, a ponto de ser agredido por Farber. O médico local, Dr. Ferri, tem como única intenção, estudar os cian, os trata, como em uma visão recorrente de colonizador, como nativos destituídos de humanidade, apenas acessórios para o desenvolvimento da sua raça.

Em contrapartida, os Cian também são hostis, porém à sua maneira. Sem abertamente atacar os humanos, Farber percebe como eles vêem os humanos de maneira infantilizada e os tratam com condescendência:

Todos os dias, os Cian traziam objetos de todas as partes do planeta, mas eles faziam isso em tom de brincadeira, de jogo – os Cian achavam a missão terráquea inapropriadamente engraçada, assim como a maioria dos costumes terráqueos, e Farber se perguntava se eles apenas não estavam se divertindo ao trazer objetos inúteis e possivelmente ofensivos por milhares de milhas e

⁵ Grafado aqui com letra minúscula, conforme o uso do autor no texto analisado, embora no inglês, etnias costumem ser grafadas com letra maiúscula.

entregá-los aos olhares cuidadosos dos times de avaliação da Cooperativa. (DOZOIS, 1980, p. 36, tradução minha⁶).

No trecho anterior, fica marcada uma postura discriminatória por parte dos Cian, que percebem com desdém os costumes terráqueos (o que ficará evidente também em outros momentos do romance, em especial, nas interações de Farber com a família de Liraun). A subalternidade dos seres humanos se torna mais compreensível, uma vez que de fato existe certa hostilidade.

Joseph Farber é a exceção dentro dessa concepção. Desde o início do livro, Joseph é descrito como “a cocksure and confidently aggressive man” (DOZOIS, 1980, p. 27), porém, ao contrário de reagir como seus conterrâneos, Joseph demonstra certo fascínio pelos cian. Quando se interessa por Liraun, é Joseph quem se submete aos ritos cian e acaba por aculturar-se. Isso traz como consequência um extremo isolamento do personagem, ele acaba por se tornar alcoólatra e, ao final da história, enfrenta a sociedade cian para que Liraun não precise passar pelo ritual de sacrifício.

Diferente de como histórias de amor “inter-racial” clássicas como Pocahontas, por exemplo, representam o amor como aquilo que deve unir duas culturas, Farber e Liraun não possuem uma atitude romântica a respeito da dominação, a hierarquia é clara: Para Farber romper com a barreira racial que os separa, ele deve se aculturar e tentar pertencer ao mundo de Liraun.

Já na colônia de São Paulo, no livro *Hunter's Run*, a sociedade se estrutura de maneira diferente. Na ausência de um “outro” cotidiano, para além dos terráqueos, quem assume esse papel são os enye, que visitam o planeta de tempos em tempos, na posição de dominador. Nesta ocasião, a população local dá uma festa, e é notório que não existe uma rejeição tão grande quanto aos cian no outro romance.

A personagem Elena, namorada do protagonista, por exemplo, se mostra entusiasmada com a celebração, não para celebrar os enye, mas pelo festival em si. Portanto, isso também demonstra que São Paulo criou sua própria cultura, e existe apreço da população por esse modo de vida. O fato de esta sociedade ser representada como mais festiva, impulsiva, com maiores índices de criminalidade, pode ter a ver com dois motivos: os autores estarem se utilizando de estereótipos a respeito dos latinos, ou como uma consequência das condições mais brutais e degradantes da colônia que lá se estabeleceu.

A estratificação social é bastante evidente. Como comentado anteriormente, o objetivo desta colônia é explorar o território do planeta, e isso resulta em empregos de alta periculosidade para boa parte da população, incluindo Ramón. Ele é um destes exploradores

⁶ Original: Daily the Cian would bring in sample goods from all over the planet, but they did so in a spirit of play, as a game—the Cian found the Terran Mission uproariously funny, as they did most Terran customs, and Farber wondered if they didn't simply enjoy bringing useless and possibly insulting objects thousands of miles to place under the weary eyes of the Co-op evaluation teams.

que vai para a selva diariamente e é exposto a plantas venenosas, animais desconhecidos, e, eventualmente, a uma raça alienígena que vive secretamente na parte desabitada de São Paulo. Portanto, esse tipo de exploração e condições insalúbres de trabalho que assolam as populações latinas na Terra, também são projetadas em escala interplanetária.

O protagonista Ramón, como Farber, também é um pária. Mas a sua diferença para a maioria dos outros personagens coadjuvantes não é por adotar uma postura subalterna à outra raça, como é o caso do outro protagonista, mas, sim, por adotar uma postura de enfrentamento. O mote do enredo, o que faz Ramón ter que fugir para as florestas, é uma briga de bar onde ele acaba assassinando um embaixador europeu. Ramón percebe os enye e os dirigentes terráqueos como os culpados pela exploração que os habitantes de São Paulo sofrem, e defende a união dos subalternos contra seus dominadores.

Portanto, enquanto em Lisle existe essa maneira de maquiar a realidade, de maneira que, pelo menos psicologicamente, os terráqueos continuem se sentindo “superiores” ao outro, São Paulo demonstra uma relação mais típica de colonialismo, com violência física e simbólica mais evidente na sociedade, e diversas formas de resistência, desde pequenas manifestações culturais, até a defesa do enfrentamento direto. As diferentes colonizações produziram sociedades substancialmente diferentes, de maneira que, possuindo estas colonizações, notável aspecto racial, as sociedades que se deram por sua consequência também o têm.

Conclusão

A partir da comparação que estabelecemos, existem duas conclusões que considero relevantes. A primeira delas é, de maneira mais objetiva, compreender que o aspecto étnico e racial é fundamental, não apenas enquanto metáfora, mas também porque é significativo de como os protagonistas e coadjuvantes se portam em relação às raças extraterrestres com quem se relacionam. A sociedade em Lisle, só tem esse embate específico porque é fruto das relações de dominação racial presentes na Terra, e o mesmo vale para a colônia de São Paulo.

A segunda conclusão, inserindo as duas obras em um contexto mais amplo do gênero ao qual pertencem, as identifica como exceções a partir do que já foi estudado sobre o uso da raça na ficção científica, e mesmo na *New Wave*. Diferente do que trouxemos a partir de diversos estudos, Gardner Dozois, George R. R. Martin e Daniel Abraham, todos autores brancos, estão trazendo discussões explícitas a respeito de raça para suas obras, o que contribui para a desnaturalização do ser humano enquanto o sujeito branco. É verdade que, no caso de *Hunter's Run*, especificamente, ainda predomina uma visão essencializada dos povos latinos, e que há um grande caminho para percorrer, mas ter identificado este caráter diferencial das obras, certamente acrescenta ao panorama que já havia sido feito.

Possíveis seguimentos para esta discussão são trabalhar o aspecto racial em outros autores de ficção científica do período e estabelecer novas comparações. Uma consequência

bastante natural, seria discutir as histórias de George R. R. Martin dos anos 70, muitas delas, com fortes discussões a respeito de colonialismo e choques culturais. Há também a possibilidade de expansão para outros movimentos da ficção científica, ou mesmo comparações entre eles. Os debates raciais dentro deste gênero possuem enorme potencialidade, e é para o benefício de todos nós que estejam cada vez mais entrando em evidência.

Referências

- ABRAHAM, Daniel. DOZOIS, Gardner. MARTIN, George R. R. *Hunter's Run*. New York: Harper Collins, 2007.
- _____. Hunter's Run Explored: An Interview with Daniel Abraham, Gardner Dozois, and George R.R. Martin. Entrevista concedida a Jeff Vander Meer. 2008. Disponível em: <https://www.amazonbookreview.com/post/5b50bf4b-9ad0-49f9-be78-1b04fe54cea6/hunters-run-explored-an-interview-with-daniel-abraham-gardner-dozois-and-george-r-r-martin>. Acesso em 07/11/2018.
- BRODERICK, Damien. New Wave and backwash: 1960–1980. In: JAMES, Edward. MENDLESOHN, Farah. *The Cambridge Companion to Science Fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BUTLER, Octavia E. *Kindred: Laços de Sangue*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017
- DICK, Phillip K. *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?*. São Paulo: Editora Aleph.
- DOZOIS, Gardner. *Morning Child*. In: DOZOIS, Gardner. *When the Great Days Come*. Germantown: Prime Books, 2011.
- DOZOIS, Gardner. *Strangers*. Feltham: The Hamlyn Publishing Group, 1980.
- HEINLEIN, Robert. *Estranho Numa Terra Estranha*. São Paulo: Editora Aleph, 2017.
- HERBERT, Frank. *Duna*. São Paulo: Editora Aleph, 2017.
- HOOD, Yolanda. REID, Robin Anne. *Intersections of Race and Gender*. In: REID, Robin Anne. *Women in Science Fiction and Fantasy*. Westport: Greenwood Publishing Group, 2008.
- LE GUIN, Ursula K. *A Mão Esquerda da Escuridão*. São Paulo: Editora Aleph, 2014.
- LEONARD, Elizabeth Anne. *Race and ethnicity in science fiction*. In: JAMES, Edward.
- MARTIN, George R. R. *And Seven Times Never Kill Men*. In: MARTIN, George R. R. *Dreamsongs Vol I*. London: Gollancz, 2006.
- MARTIN, George R. R. *The Hero*. In: MARTIN, George R. R. *Dreamsongs Vol I*. London: Gollancz, 2006.
- MENDLESOHN, Farah. *The Cambridge Companion to Science Fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- RESNICK, Mike. *A Miracle of Rare Design*. Lancaster: Dogstar Books, 2013.

ROBERTS, Adam. Golden Age Science Fiction: 1940–1960. In: ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

STEBLE, Janez. New Wave Science Fiction and the Exhaustion of the Utopian/Dystopian Dialectic. *ELOPE: English Language Overseas Perspectives and Enquiries*, v. 8, n 2, p. 89-103. Ljubljana, 2011.

YASZEK, Lisa. Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism. In: *A Virtual Introduction to Science Fiction*. University of Hamburg, 2012. Disponível em: <http://virtual-sf.com/wp-content/uploads/2013/08/Yaszek.pdf>. Acesso em: 21/02/2019.